

# MARÉ VIVA

Director Interino: JOSÉ RAFAEL TORMENTA

SEMANARIO

ANO IX N.º 421 — PREÇO 17\$50 — 31/1/85

## **DROGA QUE PROBLEMA?**

«Talvez o tóxicodependente seja uma espécie de profeta que nos diz que estamos errados, através do seu exagero; pela sua patologia individual ele revela a nossa patologia colectiva». (Centro de Psicologia do Comportamento Desviante).



«Espinho já não é um centro difusor de droga». (Policia Judiciária).  
«Na zona do Grande Porto gastam-se quase dois milhões de contos por ano em estupefacientes!» (Director do Centro de Estudos de Profilaxia da Droga).

«Actualmente um charro é natural, quase como tomar um café. Não se chama alcoólica a uma pessoa que bebe uma cerveja». (C. 25 anos)

REPORTAGEM NA PÁGINA 5

## **Novos preços do pão**

— CONSUMO DESCE  
5% EM ESPINHO

— PÁGINA 3

## **DESPORTO ESCOLAR**

**Escolas  
Preparatórias:  
realidade  
insuficiente**

PÁGINA 7

## **TEATRO EM ESPINHO**

**"DULCINEIA OU A  
ÚLTIMA AVENTURA  
DE D. QUIXOTE"**

SEXTA-FEIRA, 1 DE FEVEREIRO  
no SALÃO DA PISCINA

Avelino Zenha na  
Assembleia Municipal:

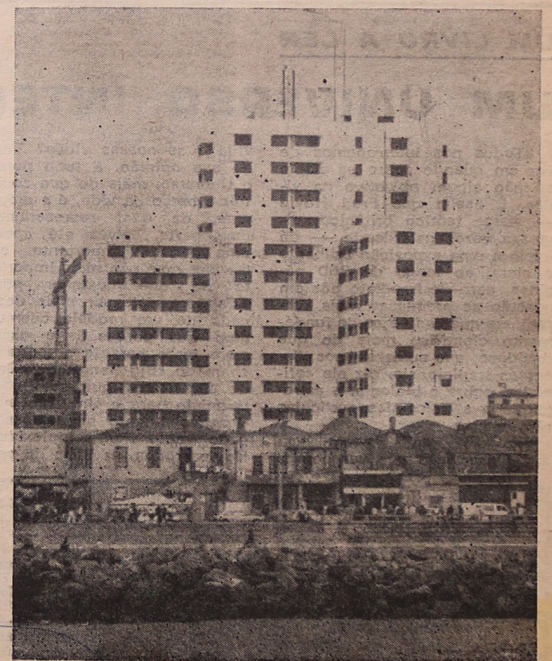
- "Não basta ser sério  
é preciso  
parecê-lo"

— PÁGINA 4

## **Reunião da Câmara**

— Fixadas as  
indenizações  
do quarteirão  
da "Marisqueira"

— PÁGINA 4





## RASCUNHOS

sede e um jantar que reuniu parte de setenta novos e menos novos académicos de boa cepa.

Claro que esta comemoração das 47 primaveras académicas deu origem para lembrar muita coisa e muita gente e revelar aos de hoje coisas que desconheciam completamente pois só os macróbios é que sabem a história toda desde princípio. E que há coisas imensamente saborosas é uma verdade.

Num dos tais 47 aniversários, já lá vão para af uns 30 anos bem contados, a Direcção do clube estabeleceu um programa comemorativo bastante largo, com muitos condimentos, entre os quais encontros desportivos para cada modalidade. Encontros que tinham sempre uma taça em disputa. Nessa altura os troféus que a Académica possuía contavam-se pouco mais que pelos dedos das mãos mais os dos pés. Assim, houve

a preocupação manhosa de escolher, em cada jogo comemorativo, um adversário a quem a Académica pudesse vencer e, com esse triunfo, ficar com a taça que os pobres cofres do clube iam comprar para pôr em disputa. O único problema bocado era o que respeitava à secção de basquetebol, cuja equipa perdia com todos os opositores e por resultados que andavam, quando muito, pelo máximo de 15 encestamentos. Como condição desta escolha, o clube adversário tinha que trazer um galardete. Então ainda não existiam os computadores que hoje facilitam previsões, mas acabou por consagrar-se um cinco de basquetebolistas que perdesse de caras conosco. O pior é que o diabo torceu os cálculos e a Académica perdeu mesmo. E o adversário não trouxe galardete.

Carlos P. Morais

A Académica de Espinho, ainda hoje menina muito dos meus olhos, acaba de completar a procveta idade de 47 anos. E, reatando uma tradição que ultimamente fora um pouco traída, houve comemoração a sério e, mais importante ainda, comemoração feita com a prata da casa, novos e velhos, sem convidados oficiais nem oficiais, sem forças vivas ou mais ou menos afins. Foi mesmo uma comemoração da gente da família académica, que faz a festa e deitou os foguetes. Os pratos da ementa foram os usuais, com a missa pelos falecidos que já são tantos, a ida de meia dúzia de pessoas ao cemitério, a sessão solene na

## OPINIÃO

### SOBRE A CABEÇA DOS REIS

Há muitos e variados modos de tomar atitude e de exprimir pontos de vista. perante a diversidade, talvez por receio da diversidade, houve desde sempre, também, o cuidado de sistematizar essas modalidades e ligá-las muito estreitamente a um juízo de valor prévio e específico. E digo receio porque, assim procedendo, se revelavam as verdadeiras razões para o sistema — isto é, o problema estava, está, não na diversidade mas em que, no seu cadinho, algo constantemente é fabricado de que põe em risco, sem apelo, o sistematizador. A diversidade é evocada para se lhe limitar o exercício. Porque semelhante prática está condenada desde início e porque se manifesta, não obstante, empedernida e duradoura, há que a colocar onde lhe compete

residir: entre os fósseis. Já suspeitávamos e estamos hoje em condições de comprovar que o que é vivo é, simultaneamente, exuberante e ordenado, tornando o cristal um monumento ao aleatório. Que o vivo encontra no cristal um habitat, é irrecusável (parece mesmo que uma das características primeiras daquele é a incapacidade de dar guarda a si próprio); mas é de recusar que cristalice com ele.

Fez sete anos, a Cooperativa Nascente concebeu e levou a execução um projecto que, não sendo original, é sempre lugar potencial de originalidade e invenção — um jornal concebido. Ora um jornal não é uma estrutura rígida onde se fazem encaixar componentes aleatórios que a preencham. No que aos seus proprietários e redacção

respeita, para que sejam uma coisa e outra, têm renovadamente que o *ter sido*, têm que deixar de ser quem possui e se faz possuidor para se tornarem seus animadores, quem lhe dá vida. Daí que tomem em mãos uma linha de orientação. Daí também que se *vejam* obrigados a testá-la para verificar constantemente a sua pertinência e validade. As dificuldades, os obstáculos são um pouco aqueles que se escolhe, no sentido em que — sob condições determinadas e em permanente determinação e uma vez identificado o possível no conformismo, ainda que disfarçado, a essas condições — o que mexe e perturba-se a si próprio em primeiro lugar.

Se vivemos, disse Shakespeare, vivemos para marchar sobre a cabeça dos reis.

C. C.

## UM LIVRO A LER

### UM UNIVERSO INTELIGENTE?

«Todos nos interrogamos de vez em quando sobre se existe ou não algum objectivo na vida». É assim que Fred Hoyle — físico teórico britânico, diversas vezes galardoado — dá início a uma exposição brilhante e clara, ao longo de 250 páginas, para de imediato pôr em questão as premissas mais correntes e quantas vezes de fundamento científico mais do que duvidoso, que subjazem aos discursos tradicionais, diz ele «oficiais», sobre a biologia, a astronomia e a física das partículas elementares.

Em que medida tem esta sua dissertação que ver com a

vida e as nossas vidas? Tudo, na sua opinião. E tudo porque o Universo, mais do que constituir o berço da vida, é a *própria vida*, da qual representamos uma parte, talvez até apenas uma faceta, importante, sem dúvida, mas não mais importante do que qualquer outra. Adepto e defensor mais destacado de um modelo cosmológico que parece hoje ganhar nova força perante a teoria do chamado «Big Bang», ou «Grande Explosão», que admite um princípio para o Universo e um desenvolvimento por etapas de cada vez maior complexidade, Hoyle propõe, na linha do pans-

permismo do sueco Svante Arrhenius, uma complexidade que não é necessariamente sempre crescente mas sim, sempre presente — o «estado estacionário». Livros deste vigor são raros no mercado português, apesar de tudo, também ele, dominado por autores que, mais ou menos ortodoxamente, defendem a «Grande Explosão». É um discurso diferente — que não é novo mas pouco divulgado —, extremamente lúcido e que percorre diversos «ramos» do saber como se de um só se tratassem como, realmente, de um só se trata, um discurso que mobiliza toda a nossa ca-

## «Vamos ao Sonoro»?

As sessões do fim de tarde saíram como entraram, sem quaisquer explicações. Ignorasse se se constituiu uma suspensão temporária ou uma supressão definitiva. Como se pode de-sejar( ou pelos menos, o não insucesso) quando não se tenta cativar o público, usando mão da publicidade? A iniciativa era válida porque originava um novo espaço, mas como aparecia desenquadrada dos hábitos normais necessitava duma campanha de lançamento para se impôr definitivamente. Nisto de cinema, a imaginação e a sensibilidade são atributos importantes, não é a mesma coisa que vender fardos de bacalhau ou toneladas de cortiça.

### SESSÃO NORMAL

1 a 7 Fevereiro

#### A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO (PARTE II)

M/ 6 anos

Quando um filme consegue encher salas e salas dos mais variados tamanhos, vá de fabricar uma continuação com os mesmos ingredientes para ampliar o facturamento. Falta-lhe originalidade no tema e no argumento que dá vida à ideia, sobra-lhe ritmo e vedetas no cartaz. Um ritmo alucinante temperado com situações mais ou menos humoradas.

### PARA COMPRAR BOM CAFÉ

## Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO

RUA 19 N.º 294

ESPINHO

pacidade de atenção e entendimento. E também diferente porque, pondo-nos ao corrente das «novidades», não se perde na exposição neutra do que pensa constituir os factos mas propõe uma leitura consistente e não rígida sobre os mesmos. Será a evolução controlada por uma inteligência cósmica tão vasta quanto o Universo? E quais os desígnios dessa inteligência? Porque não estarão os «outros» aqui? Estarão alguma vez? Alguma vez viajaremos de estrela em estrela? Se não, será porque nunca conseguiremos dobrar certos limites tecnológicos ou porque é essa a ordem das coisas? Diz Hoyle: «A visão nillista tem dominado o pensamento científico deste século porque (...) os cientistas ortodoxos estão mais preocupados em evitar um retorno aos excessos religiosos do passado do que em procurar a verdade. Este livro é o pro-

testo mais vigoroso contra esta visão que fiz até hoje».

«O Universo Inteligente» é muito mais do que um Universo onde existe um ser inteligente: é uma inteligência, uma forma de vida. A vida, para Hoyle, não surgiu na Terra, ela veio até à Terra e encontrou nela um lugar onde também residir. Edição graficamente cuidada e atraente, tradução aqui e ali de pouca segurança, não traduzindo ou traduzindo literalmente termos que existem em português, mas boa. O preço, contudo, coloca-a fora do alcance de muitas — quase todas? — as bolsas. Não teria sido possível, paralelamente, uma edição mais acessível?

«O UNIVERSO INTELIGENTE»  
Autor: FRED HOYLE  
Tradução: CONCEIÇÃO JARDIM  
e EDUARDO NOGUEIRA  
EDITORIAL PRESENÇA  
Preço: 1.650\$00

MARE VIVA

SEMANÁRIO

Director Interino: JOSÉ RAFAEL TORMENTA

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo

REDACTORES — António Gomes, Bernardo Ferrão, Carlos Cruz, Fernanda Alves, Fernando Caprichoso, Filomeno Oliveira, Jorge Rosa, Moreira da Costa e Narciso Oliveira

REPORTAGEM FOTOGRÁFICA — Carlos Alves e Olívia Silva

COLABORADORES — Alice Rocha, António J. Lacerda, Berta Nunes, Carlos Morais, Correia da Silva, Fausto Neves, Fernando Meneses, Joaquim Fidalgo, Jorge Carvalho, Jorge Monteiro, José António França, Luís Costa, Moreira da Costa, Maria do Carmo, Mário Bismark, Mário Correio, Mário Rui Neves, Morais Gaio, Rui Lacerda e Victor Sousa.

PAGINAÇÃO — Augusto Mota, António Gaio e Henrique Ferreira

CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Moselos), Henrique Ribeiro (V. Feira), Henrique Sil (Anta) e Manuel Santos (Guelim)

Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62, 251 - Telef. 721621

Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, C. R. L.

Rua 14 n.º 203 — Telef. 721016 Tiragem deste número: 2000 ex.

Depósito Legal 2048/83

### CLINICA GERAL

## J. Pinheiro de Moraes

RUA 20 N.º 300

TELEF. 720452

## ESTA CIDADE

### ASSALTADA A DISCOTECA DO «NOSSO CAFÉ»

A discoteca que funciona no 1.º andar do edifício do «Nosso Café» foi assaltada no passado dia 21 de Dezembro de 1984. A notícia só agora foi divulgada, em virtude da polícia estar a proceder a averiguações. Entretanto dos objectos rouba-

dos, uma aparelhagem sonora no valor de 500 contos e vários discos, a PSP local já recuperou quase tudo.

Quanto ao autor ou autores do roubo aquela corporação não adiantou nada por ainda não ter procedido à sua captura.

### E. N. 109 VAI SER SINHALIZADA

A Junta Autónoma de Estradas oficiou à Câmara a informar que já tinha diligenciado no sentido de se proceder à sinalização da E. N. 109, e que essa sinalização contemplava a redução de velocidade e o trânsito de peões.

Diga-se que esta é uma boa notícia que só peca por tardia, devido aos constantes acidentes que se registam naquela artéria, nomeadamente na zona de Silvalde, dos quais já resultaram algumas mortes.

### IDENTIFICADO UM MÊS DEPOIS

Só agora foi identificado um indivíduo que no passado dia 21 de Dezembro circulava ao volante de um veículo motorizado de matrícula ZF-81-91, a grande velocidade pelas ruas 19 e 21, pondo em perigo o restante trânsito automóvel e de peões.

Trata-se de Fernando Alexandre Couto Oliveira, residente em S. Félix da Marinha, que mais tarde viria a abandonar a moto junto ao café «Brisa do Mar», que

seria apreendida pela Polícia local. Alguns dias depois, o veículo motorizado foi procurado pelo seu proprietário, Júlio de Oliveira Anacleto que declarou à PSP ser o seu filho, Fernando Alexandre, quem habitualmente conduzia a moto sem estar habilitado com a respectiva carta de condução para o fazer.

O Fernando Alexandre vai agora ser presente ao Tribunal de Espinho.

### CDS EM ASSEMBLEIA GERAL

Vai realizar-se no próximo dia 2 de Fevereiro, pelas 15 horas, uma Assembleia Geral do CDS, na sede deste partido à rua 16 n.º 477.

Da respectiva ordem de trabalhos constam dois pontos: Informação da C.E.C. e Eleição dos representantes ao Congresso.



### AGRADECIMENTO

#### Armindo Rodrigues da Cruz

Sua esposa, filhos, genros, noras, netos e demais família vem agradecer, por este ÚNICO MEIO, a todos quantos tomaram parte no funeral deste seu ente querido e participaram na missa do 7.º dia da celebração na Igreja Matriz de Espinho.



#### António Teixeira D'Almeida

Fundador da ex-firma CASA DAS ALDEIAS

Sócio-gerente da actual firma ANTONIO & C.ª, L.ª

Será rezada missa do 30.º dia no dia 4 de Fevereiro, pelas 19 horas, na Igreja Matriz de Espinho.

Casa especializada em artigos para Noivas e acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamá

## ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — ☎ 724203 — ESPINHO

## NOVOS PREÇOS DO PÃO

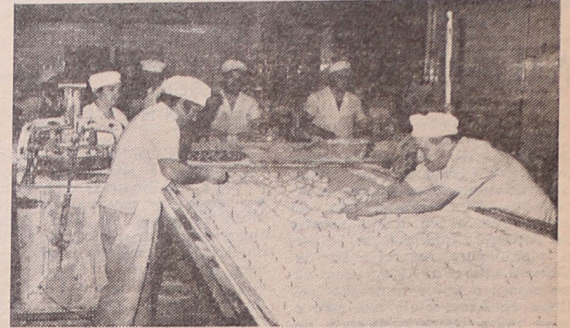
### QUEM OS SUPORTA?

Desde há longo tempo que o pão entrou nos hábitos alimentares dos portugueses, sendo o seu consumo em quantidade suficiente de modo a satisfazer uma parte significativa das necessidades alimentares. Quantida- de essa que está diminuindo já que o salário real cai. Com a publicação de um dec.-lei, entrou em vigor no início deste ano a nova legislação sobre o pão. De salientar que este decreto-lei tem em vista a entrada de Portugal para a C.E.E. e contempla os aspectos mínimos suficientes para caracterizar os diferentes tipos de pão. Para já os tipos de pão existentes nas padarias são os que já eram anteriormente fabricados como o pão de trigo produzido com farinha do tipo 75 (o nome das farinhas foi alterado, por o Governo entender que a anterior designação pouco esclarece sobre a efectiva qualidade do produto, adoptando a referência a um número correspondente ao teor máximo de cinza), pão de trigo fabricado com farinha tipo 95 e pão de trigo do tipo 115. Os diferentes tipos de pão reconhecem-se pela cor do miolo, progressivamente mais escuro conforme aumente o tipo (percentagem de cinzas). O rigor higieno-sanitário e a preocupação pela saúde dos cidadãos são de louvar no dito decreto-lei.

Falemos agora daquilo que é menos agradável, o preço. O

pão normal sofreu um acréscimo de 20% custando agora 3\$90. O pão de trigo fabricado com farinha do tipo 95 custa agora 5\$50 por unidade de 65 grs. e o pão fabricado com fa-

Os motivos destes aumentos vão desde a base (produção) até à fabricação. Assim, o aumento dos adubos e dos combustíveis originam uma subida do preço dos cereais, a energia



Pão fabricado com novos tipos de farinha, mas o produto é o mesmo. Apenas os preços é que não.

rinha do tipo 115 está a 8\$50 por unidade de 100 grs.

Quem tenha boa memória lembrar-se-á certamente que um pão custava apenas \$40. Isto é, ao longo de 10 anos um produto dito (e é com toda a certeza) um bem essencial sofreu um aumento de 875%.

consumida durante a moagem e fabrico (electricidade e lenha), e ainda os salários, fermento e outras substâncias.

Vítima desta situação é sem dúvida a população. O consumo ressentiu-se e baixou cerca de 5%, segundo nos informaram numa das padarias locais.

## RUI VELOSO:

### “Não sou dos que passam pior”

O acaso, às vezes, proporciona-nos destas coisas. Rui Veloso, aquele a quem já chamaram tantas coisas, esteve na nossa cidade, ouviu música, tocou e, claro está, deu uma entrevista a «Maré Viva».

O ambiente não era nada propício para estas coisas. A manhã começava a espreitar lá fora, e Rui Veloso, (quem não concorda?) uma vedeta no nosso panorama musical, era constantemente asediado pela curiosidade dos que ali estavam e pelos seus colegas de ofício para o chamarem aqui e ali. E, no meio de tanta confusão, eis a entrevista.

MV — Como é que o Rui Veloso apareceu em Espinho?

RV — Sabia que estes gajos estavam cá e vim vê-los tocar. (Rui Veloso referia-se ao Grupo Banda do Bolso que esteve no ED's três dias).

MV — Houve alguém que disse que «havia mais filosofia num copo de álcool do que em 12 livros». Transportando isso para a música, o que te sugere?

RV — Não me diz nada. Dizem-me mais os livros do que o álcool. Este não dá para ler.

MV — Mas o álcool não é por vezes um meio para o músico se sentir mais desinibido?

RV — As vezes funciona. Tenho músicas que só as conseguí gravar depois de beber três «whiskies».

MV — E a música em Portugal, como é que vai?

RV — Acho que está melhor do que há 30 anos. Melhor, ao nível do pessoal a tocar, não em condições de trabalho. Uma pessoa bem tem de andar por gosto porque não há condições nem mesmo sítios para tocar.

MV — Tu, que és do Porto, sentes-te bem em Lisboa?

RV — Acho que o Porto vale mais do que Lisboa, é mais genuíno. Lisboa é anti-trabalho. Digo isto, porque a melhor maneira de nos apercebermos disso é estarmos afastados, viver 4 anos em Lisboa.

MV — Mas viver em Lisboa foi uma opção para ti?

RV — Uma opção que não tem nada a ver com a música. Tenho que andar, o pessoal não tem dinheiro. Eu estou pendurado. A música é ainda uma

## NASCENTE ORGANIZA: Teatro em Espinho com os "Comediantes"

Numa organização da Cooperativa Nascente, Espinho poderá assistir, na próxima sexta-feira, no salão da Piscina, a mais um espectáculo teatral. Estará entre nós o grupo português «Os Comediantes» com o seu trabalho mais recente «Dulcinea ou a última aventura de D. Quixote».

Serão apresentados dois espectáculos, o primeiro pelas 15 horas, destinado a estudantes, e o segundo às 21,30 horas para o público em geral.

«Dulcinea ou a última aventura de D. Quixote» é uma peça escrita em 1943 pelo autor português Carlos Selvagem, oficial anti-fascista quase esquecido, onde estão reflectidos os mitos ibéricos de D. Quixote e D. Sebastião, com uma actualidade flagrante. A encenação é de Moncho Rodriguez, também actor.

VISTA OS SEUS FILHOS NA

## BOUTIQUE MI

Telef. 724174

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

# IGNORADO O CONSELHO MUNICIPAL

assembleia  
municipal

SE A CÂMARA NÃO  
PRESSIONA,  
FAÇAM-NO VOCÊS

Elsa Tavares, que presidiu aos trabalhos, não teve tarefa facilitada. A discussão do plano de actividades começou mal, com os deputados a não se entenderem sobre uma proposta da APU que queria fazer baixar o plano para reapreciação da Câmara. Para a APU, (que se considera a única formação política da Assembleia que não é uma mera Câmara de eco de Executivos) a falta de parecer do Conselho Municipal constituía uma ilegalidade e não esperar por ele era um desrespeito pelos elementos daquele órgão, para além de considerar que o plano omitia certas obras que reputava importantes, tais como o parque de campismo de Sales, a Casa da Cultura e a dotação para a habitação social.

Seria o Presidente da Câmara contudo a apresentar quais as mais significativas alterações em termos de novas obras para 1985. O arranjo da rua 2 e da chamada rua do quartel, e o horto municipal, o parque infantil da zona do viaduto, as instalações culturais da Câmara e o arranjo da estrada da Deganha em Parámos são as únicas novas obras que o executivo se propõe realizar em 1985. Pareceu pouco aos deputados. Jorge Carvalho acusava que a Câmara se tinha esquecido do parque de campismo (desapareceu do plano) e que apenas a preocupava era limpar as vistas para o mar do novo Aparthotel. Verberava a falta de instalações condígnas para Assembleia e para o público que não aparecem no plano, e remetava sobre o parque da cidade, do estádio municipal, do circuito de manutenção, enfim as velhas questões das expropriações em que entra Manuel Violas. «A Câmara está mais interessada em bater palmas de homenagem ao expropriado que causa problemas a Espinho, que consegue embarricular as obras de interesse social que o concelho precisa, em vez de lutar e conseguir as expropriações necessárias» diria Jorge Carvalho. Mas para se chegar à conclusão sobre se a proposta da APU era ou não de admitir (devolução do plano à Câmara e esperar pelo parecer do Conselho Municipal) os deputados gastaram mais de 2 horas. Das bancadas do PS e do PSD, mormente Antenor Pereira e Alcindo Ribeiro, entendiam que tudo não passava de uma manobra da APU para atrasar a discussão do plano. As críticas vieram efectivamente da APU e de Avelino Zenha. O grupo do PS, sem Rosa Maria, Cavacas, Madureira Gil perde capacidade. Flávio Bastos e Noronha não ajudam a clarificar (porque não intervêm) a posição do PS. Antenor Pereira (o que mais fala) não vincula a sua bancada já que o tom das suas intervenções é quase sempre pessoal e até muitas vezes contrário à do seu partido.

E seria Artur Bártolo no fundo quem teve de defender a sua Câmara. «Permitam-me que tenha até um pouco de vaidade, já que este plano só merece estas críticas. Afinal não é assim tão mau». E prometeu. «Em pouco tempo se fará a transferência da Assembleia para as novas instalações. A Praceta Jerónimo Reis já está a ser feita. Quanto ao parque de campismo há forças que ultrapassam a da Câmara e bem que esta Assembleia que tem juristas podia dar uma mãozinha na resolução das expropriações. Se acham que a Câmara pressiona pouco, pressionem vocês mais». A proposta da APU foi derrotada. A discussão do plano e orçamento continuam na próxima sexta-feira. Em caixa ao lado comentamos a intervenção de Avelino Zenha, a mais polémica da noite.

## A INTERVENÇÃO DE AVELINO ZENHA:

### "Não chega que a mulher de César seja séria, é preciso que o pareça"

Duas leituras são possíveis da intervenção de Avelino Zenha. A primeira, mostra um autarca dedicado, misturado com uma certa frustração, própria de quem com honestidade tudo deu, até talvez tudo arriscou e que de um momento para o outro é posto de lado, e, segundo o próprio afirmou, apelidado de «salafário, incompetente, e esquerdista». Outra possível leitura será a de um Zenha em fase de relançamento político, a quem muita gente vai apontando como provável dinamizador local de novo partido. Inclui-nos mais para a primeira leitura. Mas, o que é inegável e há a retirar do desassombro das suas palavras é sem dúvida o ter posto em causa a actuação da Câmara, do seu Presidente, dos seus antigos acompanhantes em todo o processo do que entendiam ser o bem e a resolução dos problemas de Espinho, e que passaram pelo jogo, pelo estádio municipal, pelo parque de campismo, o que no fun-

do é dizer, passaram pela luta autárquica contra o poder económico, em Espinho consubstanciado no Industrial Manuel Violas. O que Zenha quis dizer foi que os seus colegas de partido, e o Presidente Artur Bártolo, em tempos lutaram por dignificar a lide autárquica, mesmo contra os interesses particulares e sem dúvida poderosos dos homens do dinheiro e que agora abdicaram de o fazer, isolando, e no seu dizer vilipendiando a sua pessoa.

E nesse sentido Zenha acusa. «Se assim não é, porque é que a Câmara nunca mais pediu ao Governo que eliminasse o vício de forma que permitiu a Manuel Violas embarrilar a expropriação dos terrenos para o parque de campismo, para a construção do estádio municipal, do circuito de manutenção, porque é que não colabora com o arquitecto Rui Lacerda que quer acabar o projecto do Estádio e não o pode fazer porque a Câmara

lhe nega uma credencial que precisa. Porque é que o Presidente da Câmara não ponderou o projecto da CP que também poderia obrigar a uma expropriação da propriedade de Manuel Violas (antiga sede do PSD), indo contra o que costuma ser a sua defesa, em desfavor do parecer da Repartição Técnica e do Arquitecto Urbanista». Em resumo Zenha não aceita mais a desculpa própria do Presidente da Câmara de indeferir outras situações com base no parecer dos técnicos. Desta feita os Técnicos eram contra e a Câmara e Bártolo deferiram. Porquê? — Zenha dá a resposta. «Era o interesse do poder económico local que estava em jogos. Aquele ex-deputado do Partido Socialista rematou «São muitas coisas juntas e é preciso transparência. Estamos a sacrificar princípios éticos e a não aplicar a lei de forma igual para todos os cidadãos. Não basta ser sério, é preciso parecê-lo».

## BREVES

### MÁXIMAS

«As recomendações à Câmara são meros votos piedosos». Jorge Carvalho, APU  
«A advocacia exerce-se. A democracia cultiva-se» — Não terá o leitor um regador para oferecer a este deputado? Ferreira da Silva, PS

### HOMENAGEM

Jorge Carvalho achou mal que a Câmara fosse ao jantar de homenagem a Manuel Violas recentemente realizada. Não queria que se batessem palmas a quem, em sua opinião, boicota as obras de interesse social para Espinho. Bártolo ficou zangado. «A Câmara Municipal não foi bater palmas a ninguém. É bom que o senhor não fale com sub-entendidos, e que esteve em representação da Câmara na homenagem ao senhor Manuel de Oliveira Violas por mandato de todos os elementos da Câmara, incluindo o vereador da APU. E olhe que já tenho muitos anos para me baixar seja a quem fora».

Jorge Carvalho: «A carapuça serve a quem a enfia. Eu critiquei a Câmara e não a pessoa do seu Presidente. Ou o senhor entende, já, que sozinho é a Câmara toda?»

### PLANO DE INTENÇÕES

J. Carvalho: «O Plano de actividades afinal é um mero panfleto eleitoral. Não planeia nada. Vai ter o mesmo destino das Cem medidas «O Mário Cortes» deve ter censurado o plano».

Bártolo: «Sempre me tenho dirigido aos senhores deputados em termos educativos. Não respondo no tom de palhaçada do Sr. deputado».

## Fixadas as indemnizações para o quarteirão da "Marisqueira"

A fixação das indemnizações que a Edilidade terá de pagar para desalojar os moradores do quarteirão da Marisqueira, pela comissão de arbitragem e a contratação pelo Município de mais um «assessor, parques e jardins, foram os assuntos que dominaram a sessão do Executivo, na passada sexta-feira.

Segundo a Comissão Arbitral, nomeada pelo tribunal para a avaliação das indemnizações a pagar pelo Município aos moradores do quarteirão das ruas 2, 4, 19 e 21, a Câmara terá de dispendir 46.262 contos. Esta importância será ainda comunicada aos interessados para posteriores negociações.

Entretanto o perito da Câmara tinha fixado um total de 34.875 contos ao passo que a proposta dos proprietários ascendia a 80.000 contos.

### ASSESSOR PARA OS PARQUES E JARDINS

A Câmara Municipal de Espinho terá mais um assessor, desta feita para o pelouro dos parques e jardins. Esta contratação foi aprovada por 5 votos a favor e os votos contra de Casal Ribeiro (APU) e Joaquim Ribeiro (CDS).

Na proposta que apresentou, o vereador do pelouro, Carvalho e Sá, diz, falando nas tarefas que serão atribuídas ao técnico a contratar, que este irá desenvolver «viveiros, orlação de um novo viveiro para dar resposta às necessidades da

cidade, acompanhamento dos trabalhos por ele orientados, esquematização de serviços futuros, dar pareceres em estudos urbanísticos da sua matéria (parques e jardins)».

Em seguida, Carvalho e Sá propõe «que seja contratado para assessor dos Parques e Jardins o sr. Eng.º Técnico agrário, Fernando M. Ribeiro da Costa pelo prazo de um ano pela verba de 220 contos».

### ESCOLA PRIMÁRIA N.º 5: CÂMARA VERSUS ASSOCIAÇÃO DE PAIS

Tal como noticiamos a semana passada, o despacho da Direcção do Equipamento Escolar que cedia as instalações desocupadas do ex-Colégio N.º 5, da Conceição à respectiva comissão de pais, foi anulado. Assim, funcionários da Câmara dirigiram-se às salas ocupadas e constataram que as fechaduras tinham sido mudadas e que a Associação de Pais não mostrava intenções em abandonar o edifício.

Na sequência deste caso, a

## reunião da câmara

Câmara deliberou «reocupar a escola e responsabilizar quem permitiu a ocupação indevida».

Ainda nesta sessão foi presente um ofício do grupo parlamentar do PCP a dar conhecimento de um requerimento apresentado por um deputado daquela bancada sobre um jardim de infância, existente no concelho de Espinho, pronto e que não está em funcionamento por falta de pessoal. Face a esta informação, a Câmara deliberou mandar perguntar qual é o jardim de infância referido, já que nenhum dos membros do Executivo o sabia.

Também a Cerciespino enviou um ofício à Câmara a lamentar que o Plano de Actividades não incluía a aquisição dos terrenos para a implantação daquele estabelecimento de ensino. Face a este ofício a Câmara deliberou informar que «a aquisição dos terrenos continua a estar nas intenções da Câmara».

**FONSECA**  
**TECIDOS**  
**MODAS**  
Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413  
**ESPINHO**

# DROGA QUE PROBLEMA?

«Droga/Que problema?» pretende ser uma reportagem que nos leva a uma reflexão. Tão exaustivo, o tema ignorará a questão internacional: as grandes redes de tráfico; as plantações de países da América do Sul — unico sustento de milhares de camponeses —, a corrupção que levou o general García Meza à Presidência da Bolívia. A perspectiva sociológica deste «mundo» que fez com que alguns autores justificassem com o uso da cocaína o fausto da civilização Inca e ainda a perspectiva histórica, quer na que diz respeito ao uso daquela droga pelos colonos espanhóis para que os índios não necessitassem comer enquanto trabalhavam (e viessem, em pouco mais do que um século, quase a desaparecer), quer quanto ao comércio do colonialismo Vitoriano na Ásia, passando pela Guerra do Ópio e a extinção do consumo do mesmo na China após a Revolução, não serão aqui explanadas.

Pretendemos cingir a reportagem à nossa cidade — e é essa a função de «Maré Viva» como jornal regional.

Um dos objectivos era também que ela fosse «viva voz» daqueles que são muitas vezes ouvidos mais como «cobaías» do repórter ou do estudioso; uma dessas pessoas dizia-nos que «para se compreender a droga é preciso estar dentro dela, vivê-la». Talvez. Se acaso görámos este objectivo, resta-nos deixar em aberto que haverá muito mais a dizer, de certo, e que uma outra oportunidade surgirá.

**Como encarar o problema? A nossa cidade é, foi, um dos centros nacionais em que o consumo de drogas «pesadas» proliferou? Que responsabilidade temos nisto? Que se passa actualmente?**

Formado no fim do ano passado, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto, o Centro de Psicologia do Comportamento Desviante destina-se a fazer investigação nesta área e a prestar serviços à comunidade, neste domínio. Tem como preocupação epistemológica (reflexão sobre o próprio processo do conhecer; ciência da ciência) uma crítica em relação a modelos tradicionais de explicação ou compreensão do comportamento desviante. Procura assim um modelo que possa emergir, considerando que há condições epistémicas para tal. Entre os comportamentos desviantes situaremos o do consumo da droga, um dos mais problematizados pela sociedade em que vi-

vemos. «Maré Viva» falou com o Dr. Cândido Agra, um dos fundadores e que esteve também ligado, como psicólogo, ao Centro de Estudos de Profilaxia da Droga de Lisboa, desde a sua fundação; realizou também uma tese («science, maladie mentale, dispositifs de l'enfance») na Bélgica, onde trabalhou com algumas comunidades terapêuticas:

«O fenómeno da droga é um fenómeno novo que exige um modelo explicativo; um modelo que dê conta de todas as variáveis: sociais, psicológicas, culturais e também biológicas. É um fenómeno que se metamorfoseia. Já não está ligado à contestação como nos anos 50 nos Estados Unidos; hoje, são

miúdos de dez, onze anos que tomam contacto com qualquer droga: os tranquilizantes dissolventes orgânicos, etc.

O tóxicodependente é um analisador, espelho da sociedade em que vivemos, levando ao exagero a lógica de resolução dos problemas através do consumo. Ele revela-nos. Temos mais tendência a liquidar o fenómeno da droga que a olhámos para nós próprios, que nos consideramos norma. A nossa preocupação deverá ser sabermos ler-nos. Talvez o tóxicodependente seja uma espécie de profeta que nos diz que estamos errados, através do seu exagero; pela sua patologia individual ele revela a nossa patologia colectiva».

**Espinho, uma cidade. Em que medida continua, ou não, o uso de droga? Porque se começa?**

«Lembro-me que, quando se começou a falar de droga, fiz um poema contra. Experimentei um «pico de boi», com amigos; nem sei o que era, fiquei com sono e adormeci. (...) Tinha um amigo e um dia soube que ele tinha «dado um chuto». Foi quando houve um assalto ao Hospital de Sto. António; havia muito material; experimentei um «cocktail». (morfina + cocaína). (A., 26 anos, estudante)

Experimentar. A busca de novas sensações parece ser uma das causas principais; grandes artistas o fizeram procurando uma maior mobilidade no campo da expressão e poucos terão sido apelados de «drogados». Entre os consumidores que «Maré Viva» abordou há opiniões divergentes; mas talvez tenham todos como base esta procura. Indivíduos com uma vida perfeitamente «normal», procuram em momentos da sua vida algo de diferente; que direito têm, ou deveriam ter?

«É como se fosse uma bebida; mas não dá ressaca. Só fumo em festas, em vez de beber. Fica-se mais desinibido. Não fumo para esquecer. Isso são desculpas e parâmetros, porque não se encaram as coisas de frente». (B. 18 anos)

«Um charro é natural, quase como tomar um café. Não se chama alcoólica a uma pessoa que bebe uma cerveja. O importante é não ser dependente. O haxixe não altera a saúde. Levo uma vida normal». (C. 25 anos)

Produzindo um estado de prazer e sensações fortes, o haxixe, assim como a maconha e a liamba, encontram-se entre as que são menos capazes de produzir dependência. A sua legalização tem sido bastante discutida. Não se conhecem bem os seus efeitos a longo prazo.

«Só fumo quando quero. Acho mal ser-se viciado nessa merda. Chega-se a um certo ponto e as drogas leves já não fazem efeito. Por problemas sociais, problemas familiares, o único meio que se encontra é a droga». (D., 16 anos)

Quando a droga cria dependência, e isto está ligado, muitas vezes à passagem às chamadas «pesadas», surge um outro tipo de problema.

«Sobre vender droga, cada um que se desenhasque. Quem está na droga tem que funcionar com dinheiro». (C. 25 anos)

A última lei sobre consumidores de droga não é rígida; compete ao Juiz de Instrução Criminal aconselhar o jovem, eventualmente multá-lo ou obrigá-lo a fazer tratamento. Pelo contrário, no que diz respeito a tráfico a lei é das mais rigorosas: não é permitida a liberdade caucionada. O detido tem que aguardar em prisão preventiva, sem culpa formada, os últimos termos do processo, até julgamento.

O que se torna perigoso é que o tóxicodependente entra facilmente em «redes» de tráfico, de uma forma mais ou menos implicada.

**Polícia Judiciária: quase três dezenas de presos entre o final de 83 e 84, em Espinho**

No Norte do país, o crime de tráfico de estupefacientes é da responsabilidade da Secção Regional de Investigações de Tráfico de Estupefacientes (S.R.I.T.E.) com sede na P.J. do Porto. «Em Espinho sempre se disse: qualquer dia vêm os gajos. Mas a P.J. atinge só determinadas classes. Talvez pudessem tocar em gajos que deixam de trabalhar porque a «transa» rende. Mas a «sangria» foi principalmente a nível dessa gente da classe mais baixa». (A. 26 anos)

Sobre o que se passou, «Maré Viva» tentou também saber o que teria a dizer a Polícia Judiciária:

«O que aconteceu em Espinho não foi uma prisão rápida; só podem ser presos por tráfico ou com indícios no processo. Foram presos durante a investigação do processo; todos eram indiciados.

Havia, de facto um foco de haxixe, heroína, cocaína, L.S.D., não só em Espinho mas também nas regiões circunvizinhas como Gaia, S. João da Madeira, S. João de Ver, Lourosa. Claro que Espinho era uma zona característica, onde um grande número de consumidores se acumulava em estabelecimentos comerciais na zona do Casino.

É claro que não deixou de haver droga. Mas não podemos dizer que Espinho seja neste momento um centro difusor. Nos finais de 83 houve uma grande operação, mais de vinte presos e mais recentemente, já em 84, fizeram-se três prisões entre Gaia e Espinho, tendo-se apreendido à volta de 15.000 contos de heroína.

Segundo conseguimos apurar, alguns dos detidos terão no seu processo mais «culpas» do que outros; isto é, desde o «passe» entre amigos até ao roubo de automóveis, farmácias, prostituição, armas, etc. A própria INTERPOL terá intervindo num desses casos.

«Quando veio a fase do assalto às farmácias, o meu amigo dava-me; tínhamos escrupulos em ter que pagar; depois o meu amigo começou a vender; comecei a comprar cada vez mais e hoje ainda «dou uns chutos». Dantes havia dois ou três gajos que tinham o controlo. iam comprar ao Porto e a

Gaia; depois a Lisboa porque é mais barato. Há quem faça dinheiro mas só os que não «metem». Actualmente quem vende só o faz a amigos. Os grupos são fechados; não querem que se saiba; vêm de fora, das aldeias vizinhas». (A. 26 anos)

O consumo da droga continua. Independentemente do direito que o consumidor possa ter, ou não, o tráfico (os intermediários) continua a ser uma das preocupações da sociedade ocidental em que vivemos. Um quilo de cocaína é vendido na Bolívia, nas plantações, por 2.500 dólares; depois de transportado para Nova Iorque está a 60.000 dólares e chega ao consumidor a 500.000 dólares o quilo! Em Lisboa, um grama de heroína ronda os 12.000\$00; quando chega ao Norte do país já está a 15.000\$00. O tráfico de droga atravessa as alfândegas de todo o mundo mesmo com viajantes que disfrutam de certos privilégios: jogadores de futebol, diplomatas, «misses» e até uma mala de um presidente da República...

«Na P.J. do Porto nunca houve, felizmente, casos de corrupção. A droga é incinerada no Hospital de S. João. Quanto a Custódias temos recebido participações de que alguns reclusos são encontrados na posse de haxixe. De guardas nunca ouvimos nada. É fácil os presos dizerem isso. É fácil «passá-las» lá para dentro, por maior que seja o controlo».

**Cerca de 40 toxicodependentes (dos quais, mais de metade foram detidos em Espinho) aguardam julgamento em Custódias**

A maior parte dos tóxicodependentes necessita de apoio. A falta da droga, ou de algo que a substitua, pode ser mortal. Essa compensação — e não só — é-lhes dada pelo Centro de Estudos de Profilaxia da Droga. Este destina-se a acolher jovens em risco, as suas famílias e indivíduos já envolvidos. Tem um serviço orientado para a prevenção primária (formação e informação a nível de escolas e da comunidade) e um serviço de acolhimento e consulta a jovens e respectivas famílias (S.A.C.J.F.) onde se seguem casos de indivíduos com problemas de Adolescência (conflitos de identidade, esquizofrenia, dependência, etc.). É aqui que muitos jovens recorrem, em busca do célebre Cloridato de Metadona, facilitador de uma relação terapêutica e que elimina a sintomatologia física. Todavia, o tratamento que esta equipa de Médicos, Psicólogos, Psiquiatras, Assistentes Sociais e Enfermeiros faz, apesar de ser confidencial, é feito mediante um protocolo assinado entre as duas partes.

«Fazemos o controlo de urinas com uma certa periodicidade. Apesar da metadona, há jovens que continuam a injectar» diz-

continua na página 6



«Temos mais tendência a liquidar o fenómeno da droga que a olhámos para nós próprios, que nos consideramos norma»

**A. Moreira da Costa**

CLINICA GERAL

Rua 19, 364 — Tel. 721218  
2.ª e 6.ª feira

Rua 16, 789 — Tel. 722695  
3.ª feira

**Casa Romeu**

FILIPE RODRIGUES VITÓ & FILHOS, LIMITADA

**Oculista Vitó**

2 CASAS ONDE O BOM GOSTO IMPERA

R. 19 n.º 299 e 242 - 721433/723056 - ESPINHO

## DROGA

-nos o director do Centro. E continua: «Esta unidade é irrequieta neste momento por mais de cem indivíduos. Progressivamente o consumo de narcóticos tem aumentado a nível nacional e internacional. No ano passado o preço baixou cerca de 30%; é porque o consumo aumentou. Posso revelar-lhe, em primeira mão, dados que, penso apurar e oficializar brevemente: na zona do Grande Porto gastam-se por ano cerca de dois milhões de contos em estupefacientes. Há quem gaste por dia — e isto já são afeições minhas — 20 a 30 contos em heroína!»

— É possível?  
«Claro que é possível». Para além de tratar os indivíduos e tentar com que eles deixem de tomar seja o que for, o Centro tenta «reestruturá-los» psicologicamente; o jovem tem dificuldade em competir com os outros, em motivar-se; normalmente tem grandes falhas a nível afectivo. Para além disso, vive no terror de poder injectar outros produtos misturados com heroína. Nem sempre a sua informação é a melhor, mesmo quando entrar no «mundo».

«Na fase das farmácias, nem sabemos a quantidade que podíamos «meter»; podíamos ter morrido». (A. 26 anos)

«Drunko porque gosto; é diferente, quebra a monotonia; é louco; no meu caso nada tem a ver com problemas sociais. Dá para rir, para ficar agressiva ou estarrecida». (E. 17 anos, estudante)

E é ainda o director do C.E. P.D. que nos diz:

«O jovem toxicómano defende avidamente o seu «diller» porque tem medo do que está a «traçar». No máximo o «chuto» só tem 5% de heroína; é misturado com lactose ou manita; mas ele sabe que se for misturada com outras substâncias pode levá-lo à morte. Vive numa situação «bamba». O drogado não é uma figura horrorosa, é uma pessoa como outra qualquer. Por isso procuramos falar pouco de droga, mas sim de outros problemas. Pretendemos introduzir uma realidade no mundo confuso em que vivem; precisam assumir-se, arranjar empregos.»

As formas de inserção social não serão, de facto, as melhores desde a falta de empregos, até ao ignorar o que o jovem tem para dizer, até ao «corte» da comunicação entre as pessoas.

«Creio que o ano do prope-dêutico teve influência; eu tinha sempre boas notas e não tinha nada que fazer». (A. 26 anos)

«Fumo há cinco anos; dá para o pessoal falar». (F. 17 anos)

O drogado. O toxicómano. O toxicodependente. Um indivíduo como nós, criado por nós e com quem devemos envolver-nos afectivamente. O próprio juiz tem que o fazer. Não se fala em dose mínima. O toxicodependente não pode ser tratado com números abstractos do Código Penal. É necessário que haja uma perspectiva humanizante do processo jurídico. Foi um pouco o que aconteceu em Custóias:

«A colaboração da Direcção da Cadeia Prisional de Custóias tem sido excelente, não só permitindo a entrada do pessoal do Centro, mas também retendo ali alguns toxicómanos que pertenciam a outras cadeias. Eles são acompanhados e sê-lo-ão mesmo quando saírem, assim como as suas famílias. É pena que alguns estejam em Custóias a pagar por coisas que fizeram já há dois anos. Mas há experiências muito boas, alguns começaram a trabalhar lá dentro, retomando a profissão que tinham» disse-nos ainda uma Assistente Social do C. Estudos de Profilaxia de Droga.

Como equacionar este problema? É necessário, segundo parece, desdramatizar. Não podemos criar uma histeria colectiva, como se faz na Idade Média com a caça às bruxas. Já na sua agonia, com a sigla «DROGA-LOUCURA-MORTE» o fascismo pretendia deslocar-nos a consciência com um fenómeno que não tinha de modo algum essa gravidade.

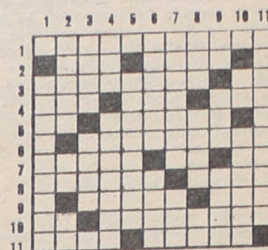
É preciso encontrar alternativas. Como evitar este transtornismo (procura da morte), se sabemos que em vez do suicídio o toxicodependente resolveu viver, mesmo que traça esse suicídio para a sua existência? Que responsabilidade temos todos?

Resta-nos apelar à Sr.ª Julz de Instrução Criminal de Espinho e Gaia para que jovens toxicodependentes não aguardem julgamento durante tanto tempo, atrasando cada vez mais a sua reinserção social.

continuação da página 5



N.º 97



HORIZONTALIS

1 — São-no os que sacam dinheiro nos bancos com uma pistola na mão. 2 — Sonos infantis; há mulheres com este nome. 3 — Receber no asilo; aparecia antes de Rei. 4 — Diz-se que o indelicado o não tomou em pequeno; exprime a ideia de ar; nem minha nem tua. 5 — São lavas em havaiano; põe em prática. 6 — Numa de barro é que o piteu sai melhor. 7 — Foi um grande contador de fábulas; falava-se na Provença; o quente sobe. 8 — Uma meia meia feita, outra meia por fazer, diga lá quantas meias vêm a ser; com nuncio é Deus-me-livre 9 — Este grego exprime a ideia do

sonho; o Elvis Presley era considerado o do Rock. 10 — Conselho de Imprensa atílica. 11 — Estou ofegante; como o nosso futuro não tem este colorido, escreva-o invertido.

VERTICAIS

1 — A de Espinho fez agora 47 anos. 2 — É um teleósteo chato; escreveu-o o Kipling; andar. 3 — Era-o o Gugunhana; macaco americano. 4 — Ponha asas; mortificando. 4 — A Azul foi composta por Gershwin. 6 — É medloere o que é de meia; é provocado tanto pela ignorância como pela desatenção. 7 — Clamor geral; é própria para ser cantada. 8 — Nadar sem vogais; há quem a corra e também a meca; está 9 — Não digas mais!; acontece à sorte grande semanalmente; sente-o quem é digno. 10 — É o mais importante para o egoísta; desbasta. 11 — Oculares.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 96

HORIZONTALIS: 1 — Liver-pool. 2 — Há, nu, evade. 3 — Cais, ocos. 4 — Sólidas, Ois. 5 — Napoléon. 6 — Fere, gorila. 7 — Ira, caracol. 8 — Lá arde, Obi. 9 — Aros, uso, os. 10 — Saciar, na. 11 — Sarrafuscas.

VERTICAIS: 1 — Lhas, filas. 2 — la, oneranas. 3 — Clara, oca. 4 — Enalpe, asir. 5 — Ruído, Cr, ar. 6 — Salgadura. 7 — Ôe, seões. 8 — Ovo, ora, ONU. 9 — Lacónico, ás. 10 — Doi, lobo. 11 — Pessoalista.

## RUI VELOSO

coisa supérflua. E só o deixará de ser quando houver uma política de preços que não colida com as pessoas. Por outro lado, ainda não estão criados hábitos para se ver espectáculos ao vivo. Muita gente utiliza o «play-back». Uma vez, em conversa com um sueco, falei-lhe nisso e ele não sabia o que era. Respondeu-me: «com gravador? Bestial».

MV — Já tocaste algumas vezes em Espinho, nomeadamente na praça de touros.

RV — Sim. O primeiro concerto que gostei de fazer foi cá. Aliás, essa também é a opinião do Zé Nabo e do Ramon. Embora, nesse concerto, onde esteve o Steve Harley, nos tivessem sabotado o som.

MV — E difícil ser músico em Portugal?

RV — Bastante. E não sou dos que passam pior. Mas também não é como as pessoas pensam, que estou cheio de massa.

Há malta que passa muito mal, não tem dinheiro para comer e pagar a renda.

MV — Diz lá uma das tuas preferências, na música clássica, blues, anos 60 e música portuguesa.

RV — (Riu-se). Sei lá, na música clássica pode ser um qualquer. Vivaldi. Nos blues, Freddie King ou um King qualquer. Anos 60 — Beatles e música portuguesa, entre outros, «Trovente» e «Jafumega».

continuação da página 3

MV — Dizem que és «o pai do rock português». É assim?

RV — Daqui a pouco, já sou avô. Não, isso é só para vender papel.

MV — E projectos?

RV — Gostava de tocar em Espanha; fazer uma temporada. Penso agora gravar um single, para ver se ganho algum dinheiro. Estou há 6 meses sem trabalho porque tive um problema com a voz.

MV — No Ano Internacional da Juventude, o que gostarias de dizer ao pessoal?

RV — Duas coisas. Pirem-se daqui e trabalhem muito para manter as cabeças ocupadas.

SNACK-BAR  
MARISQUEIRA  
RESTAURANTE

"SEREIA"

Av. 8, 702 — ESPINHO

A VARINA

Especialidades:

Arroz de marisco, Lulas, Caldeirada, Bacalhau, Riões e as famosas papas de sarrabulho.

SERVIMOS PARA FORA  
R. 2 N.º 1269 — ESPINHO  
Telef. 724630

## SUPERMERCADO DO LAR DO PICOTO

Agentes exclusivos dos LUSTRES CRISTALUZ e BRONZES SUPER  
DISTRIBUIDORES dos papéis: VYMURA, PARETA, MAY-FAIR,  
COSTA VERDE, COLOWALL, etc

Das alcatifas: PÉROLA, LIDER, ROBILLON, LOTUS, TAITI, etc.  
CARPETES tipo oriental, electrodomésticos, Louças, móveis, candeeiros,  
adornos, colchões, tapetes e tudo para o seu lar.

SEDE: Est. Nacional 1 Telef. 7643575 — PICÓTO - FEIRA  
FILIAL: Rua 62 N.º 227/231 Telef. 722986 — ESPINHO

## Atenção Cidade de Espinho

Consertos super-rápidos em calçado, malas de viagem, colocação de fechos em kispas e fechos «eclaires», molas, botões, e agora também se fazem transformações em calçado novo e usado, com pessoal especializado no ramo. Como sempre, esperamos por si na RUA 27, junto à Feira.

Associação Humanitária  
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ESPINHO  
CONVOCATÓRIA  
Assembleia Geral Extraordinária

Em conformidade com o artigo 24.º dos Estatutos e nos termos do Art.º 26, § 1.º, convoco todos os associados no gozo dos seus direitos a reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, no dia 1 de Fevereiro de 1985, pelas 21,30 horas, para a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1.º — Propor o aumento da cota mínima dos sócios para 50\$00;

2.º — Propor a nomeação para Director Vitalício o Senhor Antenor Ferreira da Costa.

Atenção: Se no dia acima citado não estiver presente número legal de sócios para funcionamento da Assembleia, ficam desde já avisados os Senhores Associados de que ela se realizará no dia 8 do mesmo mês, à mesma hora, reunindo então com qualquer número.

Espinho, 15 de Janeiro de 1985

O Presidente da Assembleia Geral  
Dr. Manuel Soares Mota

NOTA — A Assembleia terá lugar no edifício social.

AGÊNCIA DE CONTRIBUINTES  
CONTABILIDADE E CONTENCIOSO  
MEDIADOR DE SEGUROS

Antenor Pereira

Rua da Fonte - Silvalde — Telef. 723489  
ESPINHO

NOVAS INSTALAÇÕES:

Rua do Quartel (ao lado da porta de armas)  
SILVALDE Telef. 723489 e 722034

## FUTEBOL

## FAFE, 1 - ESPINHO, 1

## Empate contestado pelos locais



Sp. Espinho: Rui, Jaime, Freitas, Zé Augusto e Eliseu; Carvalho, Manuel Jorge (Zé Fernandes aos 57 m.) e La Rosa; N'Habela (João Carlos aos 84 m.), Oliveira e Dario.

Golos: La Rosa aos 74 m. Cartão vermelho a La Rosa aos 89 m.

Árbitro: Ramiro Santiago (Coimbra)

O Sp. Espinho conseguiu um ponto nesta sua difícil deslocação a Fafe. Sem dúvida precioso. Mas a equipa local vê-se

cada vez mais distanciada do actual líder e, se quer manter as suas aspirações, não poderá perder pontos em todos os jogos que disputa fora do seu terreno; isto para já não falarmos naqueles que irá realizar em casa.

O jogo com o Fafe apresentou-se, uma vez mais, difícil para os «tigres» que viriam a conseguir o empate num golo de La Rosa, que os locais consideraram ter sido marcado com a mão. Assim não o entendeu Ramiro Santiago e é ao juiz da

partida que cabe a decisão final.

Na primeira parte assistiu-se a um bom espectáculo de futebol, com as duas equipas a procurarem para si o golo que lhes permitisse uma maior tranquilidade. No segundo tempo, o Fafe marcaria logo nos minutos iniciais. A partir daí, o Espinho veio para o ataque remetendo a equipa local para o seu meio campo. E dessa insistência viria a surgir o golo do empate para o Sp. Espinho.

## CAMPEONATO POPULAR

## 8.ª jornada marcada por

## acidentes

Realizou-se no passado fim-de-semana, mais uma jornada (8.ª) do Campeonato Popular do Concelho de Espinho, tendo-se

registado os seguintes resultados:

Série A: Ota. Paramos, 5 — Estrelas, 2; Cruzeiro, 1 — Leões, 4; Ronda, 0 — Idanha, 1; Ass. Esmojães, 4 — Ag. Paramos, 1; Ag. Bairro, 1 — Belenenses, 3.

Série B: Rio Largo, 1 — Académico, 0 - a); Cantinho, 4 — Magos, 0; Esperanças, 1 — Sp. Esmojães, 0; Guatim, 1 — Silvaldinho, 3; Imp. Anta — Ag. Anta - b).

a) Jogo interrompido aos 35 m. devido a incidentes com o árbitro. b) Falta de comparência do Imp. de Anta por abandono da prova.

Lista dos melhores marcadores na 7.ª jornada:

António Oliveira (Idanha) 9; Magano (Rio Largo) 8; Carlos Rodrigues (Ag. Bairro) 7; Mário Oliveira (Esperanças) 6.

## Federação da Conferência de Imprensa

Na sequência das declarações proferidas nos jornais locais por responsáveis do Império de Anta sobre o seu abandono do Campeonato Popular do Concelho de Espinho, a respectiva Federação convocou uma conferência de imprensa para hoje, quinta-feira, à noite, na residência do seu Presidente. Esperamos no próximo número dar aos nossos leitores o que de mais importante af for afirmado, na convicção de não estarmos a contribuir para uma polémica com respostas sucessivas de ambas as partes.

## DESPORTO ESCOLAR

## Escolas Preparatórias: realidade insuficiente

Façamos uma retrospectiva muito breve do que tem tentado ser até aqui este trabalho sobre Desporto Escolar local, incidindo na opinião dos intervenientes relativamente a este assunto. Pode-se dizer que, efectivamente, nesta cidade o desporto escolar é uma realidade, mas se nas escolas secundárias a prática desportiva existe sem condições, o que dizer das escolas preparatórias onde este tipo de apoio é nulo, e, se o há, é devido ao esforço e querer de alguém, que tenta levar a dinâmica e o interesse pelo desporto àqueles que estão a desabarçar.

Para nos confirmarem se esta situação é a simples realidade tivemos duas conversas com os professores Símplicio (Escola Preparatória n.º 2) e Carlos Prata (E. P. n.º 1).

A iniciar este breve diálogo quisemos saber como funciona, ou não, o Desporto Escolar nestas duas escolas preparatórias.

O primeiro interveniente começou por nos dizer que «uma boa parte da prática desportiva escolar não é efectuada no recinto desportivo da escola, mas num campo situado nas traseiras do pavilhão da A.A.E. Os alunos dirigem-se para o dito campo a pé ou no carro de um dos professores, sendo necessário algumas vezes dispendir do nosso dinheiro. As condições do campo anteriormente falado e do campo do ex-ciclo (rua 19) são insuficientes, mas mesmo assim é uma iniciativa positiva. Isto porque a partir do

D.E. os miúdos ganham interesse pela própria escola e pelas actividades competitivas; é ainda importante para criar uma dinâmica e espírito de grupo. No âmbito das actividades aplicativas, dedicamo-nos, no decorrer deste ano lectivo, ao futebol, ao basquete e ao andebol».

O prof. Símplicio acrescentou ainda que a «Escola não dá condições suficientes para se praticar desporto»; no entanto pensa que a participação da gestão da Escola neste processo vai melhorar. «A Autarquia local também poderia contribuir quer a nível de espaços quer a nível de condições para um melhor funcionamento da E. F. S. C. A».

Passando para a intervenção do Prof. Carlos Prata, este afirmou que «o D.E. não é levado a cabo na E. P. n.º 1 (nov. porque pensam que esta não tem condições para que funcione o D.E. visto que não foi minimamente equipada para se poderem exercer as actividades de aplicação desportiva. Tem quatro paredes e pouco mais... Mas, também porque não há disponibilidade por parte dos professores para formar um grupo desportivo escolar».

Depois desta sua primeira intervenção perguntámos-lhe como formaria ele um G.D.E. se fosse incumbido do cargo.

«Se formasse um grupo deste tipo não o ia fazer com características competitivas para se formarem atletas e homens. No entanto posso di-

zer que não sou contra a competição, uma vez que faz parte da vida, ela própria é uma competição, não concordando que o D.E. privilegie essencialmente o campo competitivo. A competição devia ser praticada a nível regional e não a nível nacional; em cada região devia ser concentrada a prática desportiva escolar».

Revelando a sua opinião sobre este assunto, o Prof. Símplicio assinalou que «a competição é importante, como está a ser exercida, se não houver violência e exageros no decorrer prático».

Resumindo o mais possível aquilo que os dois entrevistados nos opinaram sobre D.E., pode-se dizer que ambos referiram que «o D.E. não pode deixar de estar na mesma linha das restantes actividades culturais, fundamentalmente numa escola».

A terminar, o Prof. Símplicio disse que «o D.E. implica uma actividade desportiva regular (treinos e jogos) dentro dum enquadramento técnico e organizativo com estudo e desenvolvimento dos conhecimentos científicos, pendentes das estruturas gerais até às locais, mas com características variáveis e flexíveis de acordo com toda uma série de condicionamentos regionais (claro que a prática desportiva constitui um positivo meio de educação, desde que bem organizada e orientada)».

Quanto ao prof da E. P. n.º 1 definiu D.E. como sendo um

## RESULTADOS DA SEMANA

## HOQUEI EM CAMPO

Honra — Sport, 3 — A.A.E., 0

Reservas — Canelas, 0 — A.A.E., 0

## VOLEIBOL

Seniores — S.C.E., 3 — CDUL, 0

Resultados parciais: 15-9; 15-9; 15-1

SCE, 3 — Benfica, 0

Juvenis — A.A.E., 0 — Esmoriz, 3

Iniciados — SCE, 3 — A.A.E., 0

## ANDEBOL

Sen. Femininos — SCE, 2 — Agueda, 2 \*

Académico do Porto, 16 — SCE, 18

\* Jogo interrompido devido ao meu tempo

«conjunto de actividades físicas institucionalizadas e regulamentadas que condicionam uma determinada prática física socializada que é o caso das modalidades desportivas existentes. Através do D. E. tenta-se

dar a conhecer as vivências das modalidades desportivas, que implica alargá-las a um maior número possível de praticantes e não seleccioná-los limitando a participação num determinado G.D.E.».

## CAN-CAN II

BOITE PIANO BAR  
DISCOTECA

O seu ponto de encontro

Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.  
Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas  
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — E S P I N H O

## Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:

Arroz de marisco, Lulas,  
Enguias, Caldeirada, Açorda  
de peixe, Bons vinhos

Rua 2 n.º 1355 — ESPINHO  
Telef. 720091

## Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º  
Telefone 721014  
E S P I N H O

TABACARIA  
DO MERCADO

TABACOS - REVISTAS  
JORNALIS - TOTOBOLA

Rua 23 (Mercado Municipal)  
Telef. 722717 — ESPINHO

## Agência LEI

ESPINHO — Av. 24 n.º 751 — Telef. 720431

SANGUEDO — Telef. 7641243

FIAES — » 7643980

— DOCUMENTAÇÃO GERAL  
— CONTABILIDADE: GRUPO A, B e C EXECUTADAS  
— NOS NOSSOS COMPUTADORES  
— ACTUALIZAÇÃO, INFORMAÇÃO E RECUPERAÇÃO DE  
TODO O TIPO DE ESCRITAS

## Rui Abrantes

ADVOGADO

Rua 18 n.º 582 - 1.º Esq.  
Sala 3

Telef. 723811 — ESPINHO

Milton Pinho  
Glória Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C  
TELEF. 720584

## RAICA

PRONTO A VESTIR  
INSTITUTO DE BELEZA

Mancações pelo  
telefone 722896

Crédito Gratuito

Rua 62 n.º 101 - ESPINHO

## DA IMPRENSA REGIONAL

«O padre da Igreja do Lavradio, Rodrigo Mendes, afirmou que existem casos de fome naquela região.»

«Na quarta-feira passada, uma mulher contava que para dar carne e peixe, indispensável a um filho doente e que lhe é dada pelos vizinhos, tem de o esconder dos outros filhos, que passam fome», acrescentou o padre Rodrigo Mendes.»

In «*Journal de Gaia*» de 24-1-85

«Vive-se em Águeda um clima de medo, existem ruas e vielas em que as pessoas recusam a passar, há pessoas com medo de sair à rua de noite, enfim existe um clima de insegurança.»

A situação económica em que o país se encontra e por este andar cada vez será pior é a principal causa desta situação.»

In «*Voz de Águeda*» de Janeiro de 85

«Embora a missão da Cruz Vermelha não esteja destinada a distribuições por ocasião do Natal, mas sim quando desastres que isso o justifique, este ano e devido às inúmeras carências que se verificam, efectuou-se na Seção do Núcleo do Cartaxo, esta distribuição.»

E nos dias indicados para tanto, numerosas pessoas acorreram à mesma, onde escolheram vestes para os membros da família e lhes foi dado também géneros alimentícios.»

In «*O Tejo*» de 24-1-85

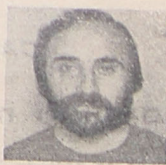
«A Câmara Municipal de Baião adquiriu o Convento e Quinta de Ancêde, revelou ao «R.M.», o presidente do executivo baionense, Professor Artur Carvalho Borges. O custo da compra ascende a 10.000 contos. Segundo o presidente da Câmara Municipal de Baião, o Convento de Ancêde, a médio prazo, será remodelado e aí funcionará provavelmente uma escola de artes e ofícios, ou ser-lhe-á dado outro fim, mas sempre numa perspectiva cultural.»

In «*Repórter do Marão*» de 25-1-85

«Na última reunião camarária foi aprovada a primeira fase das obras da Central de Camionagem, envolvendo a preparação dos terrenos e respectivos acessos, cujo custo orçará em 24 mil contos. Sem dúvida um elevado valor, mas é necessário ter presente os inconvenientes do terreno onde aquele equipamento será implantado.»

A obra será executada por administração directa, com recurso a serviços externos à Câmara.»

In «*O Povo de Guimarães*» de 23-1-85



# CASAR CONTRA QUEM ?

MANUEL TAVARES

A verticalização partidária dos ministérios (ministros e secretários de Estado do mesmo partido) foi um dos aspectos mais discutidos pelo PS e PSD durante a formação da coligação actualmente em Poder. A verticalização era para uns garantia de eficácia e para outros imoral suspensão entre partes que, afinal, preparavam o casamento político.

Verdade é que não decorreu muito tempo para se poder concluir da moralidade da suspensão e imoralidade da garantia de eficácia. Um pouco em todos os ministérios, a bi-partidarização reduziu rapidamente em tentativas de atropelo múltiplas; naquilo a que o povo apelida de tentativas para *acomer as papas na cabeça do outros*. Isso aconteceu em ministérios

considerados fortes — Agricultura e Obras Públicas, por exemplo — e recentemente no da Qualidade de Vida...

Ministério por assim dizer de segunda classe, o da Qualidade de Vida, com uma pequenissima fatia do Orçamento do Estado e nenhuma prioridade na política governativa nacional (nem a integração na CEE, nem o reequilíbrio das contas com o estrangeiro, nem a modernização da economia...), era um autêntico oásis de entendimento bi-partidário no seio de uma coligação governamental trespassada por importantes desentendimentos políticos conjunturais de circunstância mas também de fundo.

Miranda Calha, o secretário de Estado dos Desportos, membro do PS, era a figura pública

dessa ministério, sobretudo graças aos sucessivos êxitos do desporto português no plano Internacional em 1984 — o futebolista e a selecção nacional, o atletismo de fundo e meio-fundo através de Rosa Mota, Aurora Cunha, Carlos Lopes, Fernando Machado e outros —, aos quais o secretário sempre se soube associar com maestria política. A par dessa capacidade para saber deixar-se arrastar pelas vagas dos êxitos desportivos, Miranda Calha era quem punha e dispunha dos dinheiros a distribuir pelos clubes e associações.

O PS, podemos afirmá-lo, encontra na Secretaria de Estado dos Desportos um importante meio de propagação.

Eis porque, apercebendo-se de tal situação, o PSD desco-

brui recentemente que, afinal, no desporto português quem deveria mandar era, sem dúvida, o ministro, o social-democrata Sousa Tavares.

Assim se explica que, num ápice, Sousa Tavares tenha pura e simplesmente retirado a Miranda Calha todos os poderes, nomeadamente os de distribuir subsídios, que faziam do secretário a figura pública do ministério, reivindicando-os para si próprio.

Razão terá pois um velho e endurecido cellibatário meu amigo a quem perguntei recentemente: «Então, quando é que casar?».

«Casar... Casar contra quem?», respondeu.

Jornalista

do «Primeiro de Janeiro»

## "PÔR A ESCRITA EM DIA..."

*O Alfredo e o Ribeiro são amigos de longa data. Dir-se-ia mesmo que não fossem eles do mesmo sexo e constituiriam um casal perfeito. Indefectíveis interessados pelas coisas do poder local, lá estavam os dois em pleno Largo da Câmara a aguardar pelo início de mais uma reunião autárquica, meia-hora adiantados, o tempo suficiente para «pôr a escrita em dia».*

### CENA 1

— Já reparaste, ó Ribeiro, que a nossa Câmara, mais coisa menos coisa, consegue quase sempre a unanimidade?

— De facto tens razão, ó Alfredo. Tirando esta história dos vereadores a tempo inteiro, aquilo é mesmo uma orquestra afinadinha...

— Também não é difícil é uma orquestra só com violas...

### CENA 2

— Diz a imprensa local que o Presidente da Câmara estava com ar adoentado numa das últimas Assembleias Municipais, não leste?

— Não leio jornais, sabes bem! Mas por acaso estive lá e também me pareceu... será hipertensão?

— As tantas! Se calhar anda a abusar dos «sales»...

### CENA 3

— Ó Ribeiro, hoje estás um má-lingua dos diabos!

— E tu? Basta eu puxar um fio e desenrolas logo a mea-

da inteira...

— Não digas asneiras! Mal abres a boca vê-se logo que és da Espinho, varóirol!

— Pois é, ó Ribeiro. Estou nas minhas «quintas»...

### CENA 4

— Mas, ó Alfredo, não te parece que mais tarde ou mais cedo esta Câmara vai dar o estouro?

— Até nem me admirava muito! Não é essa a sina das «câmaras»... de ar?

### CENA 5

— Ouvi dizer que agora te deu para estudar outra vez...

— É verdade, rapaz, vou acabar o sétimo e como o Centro de Estudos da Nascente fechou «sine die», matriculei-me no Externato do Martins...

— E que tal essas aulas? Parece que ele não gosta muito de falar no Marquês do Pombal, diz que era marxista...

— Isso é verdade! Mas o mais interessante são as aulas de árabe... a propósito: sabes como é que se diz «o rapaz» em árabe?

— Essa já tem barbás: «Al-moços!» Deixa-te de gozo...

— E imagina qual o termo que eles utilizam para treinador de futebol?

— Não me digas que é «bitaites»...

— «Al-meirim!»

— E já agora, que sabes tanto, o que é que eles chamam ao acto sexual?

— Elementar meu caro Ribei-

rol «Al-coitão»...

— Talvez não saibas é o termo que eles usam para inoperância, falta de iniciativa e escassez de planos e de imaginação...

— Podes crer que não...

— Pois fica sabendo, ó Ribeiro: «Al-bernaz!»

LUIS COSTA

## TEATRO "Os Comediantes"

COM A PEÇA DE CARLOS SELVAGEM:

## "Dulcineia ou a Última Aventura de D. Quixote"

1 FEVEREIRO no SALÃO DA PISCINA

— DOIS ESPECTÁCULOS —

15.30 horas (para jovens) — 80\$00

21.30 horas - Sócios 100\$00 - Não Sócios 150\$00

ENCENAÇÃO DE MONCHO RODRIGUEZ

BILHETES À VENDA NA COOP. NASCENTE E POSTO DE TURISMO

o fechar

O verão está ainda longe. No entanto, a guerra pela concessão das praias começa já neste mês chuvoso e friorento. A comprová-lo, está uma reunião que se realizará amanhã, sexta-feira, na Capitania do Porto, com a presença dos banheiros de Espinho. Em causa estará, com todos eles a disputarem-na entre si, a concessão da já famosa «baía dos porcos» que, diga-se, ficaria muito malhor sem quaisquer barracas.

E o mais surpreendente de tudo isto é que a Câmara de Espinho parece estar alheia de todo este processo.

mare viva



PORTE PAGO

Câmara Municipal de ESPINHO